

PETER SLOTERDIJK

A promessa mundial e a literatura mundial*

Excelentíssimas Senhoras e Senhores, uma hora antes do término de um ciclo de conferências sinto-me bastante desconfortável ao saber que ainda não toquei no essencial. Tudo o que se ouviu até agora não passou de ser meramente preparatório para algo mais importante. E, deste, ainda nem sequer comecei a falar. Aproximo-me daquilo que me proponho dizer apenas com grande hesitar. Mal se pode suprimir a impressão de que aquilo que há-de vir não se distinguirá muito de uma corrida contra o tempo. Mas mesmo que o palestrante se sinta pressionado, aquilo que ainda está por dizer sempre continuará a resistir contra o ser dito rapidamente. Quatro longas horas tenho dedicado à apresentação de algumas pré-condições, para finalmente chegar à antecâmara do assunto decisivo. Mas o mais decisivo, a Sua Eminência, nem sequer portadora de um nome, ainda não nos mandou entrar. Ficamos agachados ante a porta de entrada da sala de audiências do essencial do que haveria a dizer, e esperamos.

Minhas Senhoras e meus Senhores, para preencher este tempo de espera, sugiro retornar ao desfecho da palestra anterior. Eu tinha prometido expor, na palestra de hoje, os primórdios de uma teoria crítica do mundo enquanto poesia e promessa. A palestra anterior terminou, se bem o recorde, num tom algo lírico. Os contornos da palavra mundo ficaram moles, e ficava-se com a vontade de não a usar, como de costume, como palavrão, de não a pronunciar como *que merda de tempo*. O anúncio de uma teoria do mundo enquanto poesia e promessa soava como se quisesse deitar um pouco de glicol no vinho ácido da ontologia, para o vender em Frankfurt como produto de qualidade do sudoeste da Alemanha. O mundo como poesia, o mundo como promessa, isso soa a que tudo ainda se tornará estupendo. Levanta-se a suspeita de que todo aquele discurso sobre o não saber e o parto não passasse no fundo de apaziguamentos face ao espírito irreconciliável da negatividade, e que chega agora o momento certo para revelar o segredo positivo. Não me opondo a uma tal suspeita, pedir-vos-ia simplesmente que me acompanhem no decurso das argumentações que se seguem.

Minhas Senhoras e meus Senhores, quando comecei, na palestra anterior, a minha exposição sobre uma breve poética mundial a partir de gestos fundamentais, ficámos envolvidos num jogo com jogadas positivas e negativas no empreendimento do vir-ao-mundo. Caracterizámos três jogadas por assim dizer oblíquas, jogadas de abertura, de ataque e desestabilizadoras, e duas jogadas retas, construtivas, edificantes e estabilizantes. Se vocês se lembram: através de gestos de parto, de gestos motivacionais e de gestos criadores de palcos

* Tradução de Bernhard Sylla, revista por Cláudia Costa no âmbito do projeto de tradução de textos da Filosofia da Linguagem (Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho). Texto original: Sloterdijk, Peter (1988). *Das Weltversprechen und die Weltliteratur*. In *Idem. Zur Welt kommen – Zur Sprache kommen. Frankfurter Vorlesungen*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, pp. 144-176.

somos trazidos para o aberto, virados para o novo e ficamos envolvidos na qualidade dramática e repleta de acontecimentos da existência. Em contraste, os gestos da preocupação com o mais premente e os gestos do alívio que adiam o demasiadamente difícil, possuem um sentido edificador e estabilizador de mundos: com eles gera-se uma certa confortabilidade rupestre entre os recém-nascidos, como também uma certa aparência de liberdade – o que resulta numa compensação pela perda do útero primeiro, ao edificar ventres complementares sociais, simbólicos e técnicos; não se aceita a expulsão arcaicamente fria, ao invés, contribui-se para a nova familiaridade com o fornecimento de novas células térmicas.

Os gestos apriorísticos ímpares começam com a exploração do mundo como aventura total, eles tornam o aí-ser num êxodo e *experimentum mundi*, para fazer lembrar os bonitos lemas de Ernst Bloch; os gestos apriorísticos pares, pelo contrário, dão o seu contributo para a criação do mundo como lugar de habitação e de trabalho; eles edificam os endurecimentos institucionais e pretendem, como gestos de um eterno conservadorismo, assegurar a habitação Terra através de medidas de defesa dos direitos dos inquilinos e a sustentação do local de trabalho Mundo. Esta última observação não carece de uma certa ironia, uma vez que tanto o marxismo como também as novas filosofias liberais da engenharia nos inculcaram a ideia de que o trabalho é uma categoria aventureira com qualidades de êxodo. A verdade é, no entanto, precisamente o contrário, visto que qualquer trabalho é sempre trabalho de estabilização, i.e., arquitetura interior num espaço mundial que foi aberto por gestos de um outro tipo. É por isso que o trabalho é incapaz de desencerrar ou transformar o atual *design* do mundo; na melhor das hipóteses desencadeia uma agitação intensa no interior da gruta, algo que nos é muito familiar nos tempos de hoje sob o signo das mobilizações neoconservadoras. Pois o lema mundial do neoconservadorismo dinâmico é este: falta de consciência e velocidade máxima, ou imobilismo – rumo à explosão.

Minhas Senhoras e meus Senhores, chegou agora o momento para perguntar se os gestos até aqui mencionados, os que desencerram e os que sustentam mundos, realmente bastarem para nos levar a exatamente este mundo a que chegamos na atualidade. Olhemos à nossa volta: como é que umas cem pessoas chegaram a encontrar-se neste auditório – ou perante esses ecrãs que estão a vossa frente? Como é que conseguiram chegar ao consenso quanto à linguagem na qual se costumam proferir lições sobre poética? Quais os pressupostos que tinham que ser satisfeitos para que uma palestra como a presente possa ser articulada e entendida? É evidente que as dimensões potenciadoras até aqui mencionadas apenas nos darão uma resposta parcial a estas perguntas. Obviamente não estaria aqui ninguém se não se tivesse aberto, pelo apriori do parto, a possibilidade de estar aqui sentado na parte do seu corpo que se escreve com quatro, cinco ou sete letras (quão rico que é o vocabulário alemão para traseiro!); também o palestrante não seria hoje o fala-barato de serviço se a cegonha não tivesse anteriormente feito o seu trabalho. Pelos vistos, estamos aqui perante um exemplo para o que se chama uma condição necessária, mas não suficiente. Apriori do parto, sim – mas não se chega somente com este a um auditório universitário em Frankfurt, numa tarde nublada de junho de 1988 d.C. A nossa sorte é que ainda não se consumiu todo o repertório de condições. Tinham que ser satisfeitas também algumas condições de emergência para que fosse possível experienciar o nosso ser-no-mundo aqui e agora como ser-para-a-morte-no-auditório-VI; no que diz respeito a mim, foi com suficiente insistência que Siegfried Unseld me impeliu que esta era a minha vez. E também vós, minhas Senhoras e meus Senhores, deveis ter um karma horrível, pois de contrário nenhum poder do mundo vos poderia ter obrigado de estar precisamente aqui e em nenhum outro lugar. Para além disso, deverão certamente ter sido tomadas iniciativas, e cada um aqui presente deve, por escolha livre do seu ser face ao nada, ter-se convencido a si mesmo de escolher um motivo que o trouxe aqui ao seu lugar de pé ou sentado. Ademais, tinha que ser satisfeita, pelo apriori do adiamento, a condição de não se tratar, neste evento, de nenhum assunto de vida ou morte, de nenhuma carga hiperpesada, de

nenhum caso de coisas primordiais ou ulteriores, prometendo este evento antes ser um mero acessório, algo que pertence ao campo dos assuntos preliminares, não havendo de modo algum pressão de chegar a resultados, com portas de saída abertas e com o bilhete de elétrico ou a chave de ignição no bolso. No que, por fim, diz respeito ao apriori da arena, já lá estavam instalados, graças ao empenho dos organizadores, o palco e o microfone (este último com o charme técnico dos anos cinquenta), de modo que apenas dependia do palestrante subir ao palco e tratar do entretenimento. Até aqui, a cadeia de condições para as possibilidades apriorísticas do ser-no-auditório está completa. Mas naturalmente falta ainda o momento decisivo, sem o qual as restantes possibilidades são ocas, falta aquilo ao que chamarei agora, e novamente com alguma hesitação, de linguagem. Hesito ao empregar esta palavra, porque todo um século de filosofia da linguagem e de linguística deixaram a essência da linguagem deturpada até a irreconhecibilidade. Uso esta palavra com alguma relutância, pois temo dizer explicitamente o que deveria ser dito sobre o estado da linguagem nos falantes hodiernos do alemão.

Minhas Senhoras e meus Senhores, parece que, enfim, sempre chegaremos ao essencial que acabo de mencionar. Uma condição, até agora omissa, do nosso vir-ao-mundo é certamente a linguagem – para denominar este fenómeno provisoriamente de uma forma genérica falsa. Deveríamos então, na nossa pequena poética mundial, adicionar uma nova função, introduzindo como sexto elemento um apriori linguístico ou apriori da fala. Daí que possa parecer que o círculo das condições apriori para o atual discurso estivesse, neste preciso sítio do mundo, completado. Poderia parecer que, daqui para diante, todas as condições de criação de mundos estivessem preenchidas, e que o grandioso movimento da vida que conflui nesta cena atual e real, aberta pelos diversos partos, encontrasse agora a sua consumação com a chegada à palavra e a vinda reveladora da linguagem. Todavia, minhas Senhoras e meus Senhores, veremos de imediato que não se pode introduzir desta maneira a linguagem na poética mundial. Tão facilmente não se pode forçar – repito a expressão suspeita – o essencial. Desenvolverei, no que se seguirá, razões que demonstram que não há um apriori linguístico no sentido supramencionado e porque o discurso habitual de um apriori da comunidade comunicativa é enganador e sem fundamento.

Para fazer isso, devo retroceder um bocado e lembrar aquilo que ainda fazia falta quando falámos do jogo oscilante dos gestos que desencerram mundos. Tentava mostrar que se pode chegar, com o apriori da abertura do palco, formalmente apenas até ao ponto onde o ator do momento ousa subir ao palco. A partir deste elo, a cadeia das condições deixava de vigorar, de maneira que nos encontrávamos sem palavras, com um bocado de parto como parceiro do nosso lado, movidos por questões urgentes, motivados por um certo grau de vontade para a iniciativa, aliviados devido ao adiamento de coisas mais importantes e ligeiramente tonificados pelo panorama do palco oratório – mas mesmo assim um pouco perdidos, pois dava a entender que não se chegava, apenas com a ajuda do até aqui assimilado, ao assunto essencial, ou seja, ao dizer daquilo para que o palco serve – desde que se é da opinião que um estar-no-palco envolve compromissos. Que é que deverá seguir agora? Se nos agarrássemos aos filósofos oficiais de comunicação, então aconteceria o seguinte. Minhas Senhoras e meus Senhores, julgo que não lhes custa muito imaginar um ator que sobe ao palco e confronta o público com a seguinte declaração: Excelentíssimas Senhoras, excelentíssimos Senhores, o autor pediu-me transmitir-vos que, até novo aviso, deviam cuidar vocês da vossa comunicação, uma vez que é sabido que a linguagem constrói pontes entre os homens. Ademais, o autor declara que, da sua parte, não há mais nada a dizer, tendo de se esperar ainda pelos resultados da investigação da comunicação. Não havendo mais nada a tratar, dou por encerrada esta apresentação. Pedimos ao muito estimado público que se levante dos lugares e se dirija silenciosamente para fora da sala, e que comece imediatamente, após a saída do edifício, com atos de fala da sua livre escolha, tomando o devido cuidado, posto que as

circunstâncias são favoráveis e, antecipando assim tempos futuros melhores, que as condições para a tomada da palavra, entre os agentes comunicativos, sejam simétricas. Muito obrigado e adeus! Minhas Senhoras e meus Senhores, aposto que nenhuma pessoa do público voltaria a este teatro. Tampouco que se está disposto a aturar um ator que faz as tais declarações ao público, também não se estará satisfeito com uma teoria da comunicação que nos quer contentar com a mera indicação de que se deve falar um com o outro sob supervisão da filosofia da linguagem, para chegar a um mundo comumente acordado. Entendamo-nos bem: na verdade, há a maior necessidade de falar um com o outro, e de facto teriam que acontecer, aqui e agora, milagres sob o nosso céu comum, milagres da fala atenciosa dirigida ao outro, e milagres da escuta que toma atenciosamente em conta o contradiscurso do outro, se pretendemos que a humanidade não pereça numa incapacidade linguística suicida. Mas onde poderia dar-se esta conversa construidora e sustentadora de mundos? Quais seriam os encontros de Pentecostes onde a língua comum viesse sobre nós? Em que escolas, em que seminários se estuda essa língua comum capaz de edificar pontes, de nos livrar do insuportável próprio e de encaminhar o parto que desperta em nós a partilha e que nos liberta para a coisa pública?

Minhas Senhoras e meus Senhores, estas perguntas são perguntas retóricas, pois sei que o verdadeiro desenvolvimento linguístico segue caminhos diferentes do das escolas e dos seminários. Sei que se aprende a falar por outras vias: primeiro, no ambiente do contacto físico e da confrontação, uma vez que as frases significativas se dizem em situações de duelo e da amizade; segundo, sob a pressão das situações que evocam sempre de novo aquilo que se tem de dizer; terceiro, de certa forma autodidaticamente, na confrontação solitária com os clássicos, com os gigantes da vida e do movimento que, antes do nosso tempo, criaram aberturas do mundo. Podemos comparar a linguagem com o carvão vegetal, pois este apenas arde porque já ardeu antes; mas para ser algo que difira do carvão frio, deve ser aceso de novo.

Em suma, minhas Senhoras e meus Senhores, creio que não nos podemos esquivar da tarefa de determinar de novo o estatuto da linguagem na poética mundial. Tinha prometido, no início da minha intervenção, de expor algumas breves notas introdutórias sobre uma teoria crítica do mundo enquanto poesia e promessa, e tinha pedido ao público presente para pôr de lado, por um instante, a suspeita de ácido glicólico, com a qual também me refiro à suspeita de romanticismo que sempre se levanta quando as palavras, ilegitimamente, saem mais bonitas e polidas do que aquilo de que falam. Na verdade, soa demasiado bonito quando se afirma que o mundo tem, ontologicamente, a estrutura de um enorme poema – para não falar de que, naturalmente, também há poemas miseráveis. Tampouco se pode negar um certo tom romântico e religioso na afirmação que o mundo nos é dado precisamente no modo como se dão promessas – como título legítimo de expectativas cujo cumprimento depende de um futuro incerto. Ora, teremos de tentar, agora, contornar o tom suspeitosamente bonito destas formulações, ao inquirir sobre o conteúdo literal da fala sobre o mundo enquanto poesia e promessa.

Para avançar com esta nossa tarefa, quero estabelecer uma ligação entre o vir-à-linguagem, que ainda faz falta no decurso dos nossos pensamentos poético-mundiais, e o fenómeno do parto, com o qual se inicia a sequência dos gestos criadores de mundos. Mães, como foi dito antes, têm o parto, crianças vêm ao mundo. Se vir-ao-mundo é para nós sempre também um vir-à-linguagem, então significa isso que os recém-chegados ao mundo se vinculam, sem ter primeiro outra alternativa, a um mundo linguístico através do qual o peso do mundo se imprime em cada novo falante. Quem sobe ao palco para dizer o que lhe diz respeito, lida no seu discurso com a carga dos cuidados e preocupações de uma vida concreta. De entre aquele que fala e o outro que escuta, sempre se esclarecem e se deslocam as proporções que vigoram no peso do mundo. Se pretendemos agora falar sobre o essencial a que chamo linguagem, teremos que introduzir uma nova função desveladora do mundo, que

nos alia como membros da comunidade de portadores do peso do mundo: designarei esta função como apriori da transladação. Quando aprofundamos, livres de quaisquer ilusões, a investigação desta função da linguagem, deparamos com um último e ulterior gesto desencobridor de mundos que nos levará até às respirações do presente instante – chamo a este gesto o apriori da absolvição [*Freispruch*] ou o apriori da promessa [*Versprechen*].¹ O facto de se poder falar, aqui e agora, assim como se fala, é devido, por um lado, ao sexto elemento da nossa poética mundial que investiga o acontecimento da fala a partir do apriori da transladação, e por outro lado à sétima função poético-mundial, à qual chamo o apriori da promessa, na qual o espírito do parto se vai juntando com a respiração da absolvição. Se conseguirmos dizer o que significa a linguagem enquanto absolvição, então deveremos chegar ao campo deslumbrante onde o relâmpago do parto ilumina o instante vivido em que cessa a escuridão.

Acrescento aqui a anotação que estes sete gestos desencobridores de mundos – minhas Senhoras e meus Senhores: parto, preocupação com o mais premente, iniciativa, adiamento, criador de palcos, transladação linguística e absolvição – constituem o mínimo exigido em complexidade para articular uma relação lúcida entre consciências e mundos em geral. Até mesmo na mais ténue incoação da reflexão meditativa sobre a situação da humanidade em geral já estão a ressoar estes sete sons básicos da vida consciente.

Minhas Senhoras e meus Senhores, permitam-me tecer primeiro alguns comentários sobre o apriori da transladação. Ao determo-nos nele, verificaremos logo porque a maior parte das teorias sobre a linguagem compreendem, regra geral, apenas superficialidades. A língua que tomamos a peito no caminho da primeira transladação imediata é desde já a língua da nossa comunidade parturial política. Com toda a razão existe em alemão a expressão idiomática de que se nasce ‘para dentro de uma sociedade’. Visto à luz do apriori da transladação, a parturialidade do homem tem de levar, quase que inevitavelmente, à fixação a uma nacionalidade. Nações devem este seu nome ora voluntária ora involuntariamente à circunstância de representarem ordens de relações de natalidade. Neste sentido, todas as corporações sociais, sejam elas constituídas política ou apoliticamente, que se devem ao princípio de ter nascido ‘para dentro’ delas, devem valer como ‘nações’; destarte, até mesmo as culturas tribais são configurações protonacionais, e se se adquire o direito de ser membro de um Estado Mundial graças ao facto de ter nascido ‘para dentro’ dele, então até mesmo este Estado Mundial seria uma *natio*. É sinal de uma encantadora franqueza que se designa nas línguas ocidentais a aquisição de uma nova nacionalidade como naturalização. Nada poderia exprimir mais claramente que o hóspede nacional deve primeiro adquirir o carácter, a natureza nacional, antes de poder ser reconhecido como cidadão dessa nação. Isto revela-nos o seguinte: nações, neste sentido fundamental, funcionam como sistemas de expropriação dos recém-nascidos da abertura da sua natalidade. Elas são, por assim dizer, colcozes linguísticos, cultivados e geridos com o nosso trabalho e que se apropriam do valor acrescentado do nosso trabalho. A nação no sentido político-linguístico aproveita-se do nascer-para-dentro, usando-o como função política natural. Naturalizações são, neste sentido, nada mais do que natalizações artificiais no espaço de uma nacionalidade. Este detalhe chama a atenção para o facto de as línguas vernáculas, faladas por comunidades, serem as formas primárias da natalidade política. Note-se, no entanto, que as assim chamadas comunidades de comunicação que se movem numa língua comum, são caracterizadas, regra geral e predominantemente, pelo princípio do nascer-para-dentro – as naturalizações não passam de ser uma mera exceção. Nascer-para-dentro é, no entanto, nada mais do que a manifestação evidentíssima de o homem estar, totalitariamente, à mercê dos poderes de transladação. Posto que linguagem e vida se trasladam em grupos de natalidade – e é difícil imaginar como o não poderia ser –, então é óbvio que se

¹ Em alemão, as palavras *Freispruch* (absolvição) e *Versprechen* (promessa) guardam materialmente à ligação com *sprechen* (falar) [N. d. T.].

espera de homens que vão crescendo no interior de uma língua nacional que tenham a faculdade de falar a sua língua nacional em todos os aspetos: no sentido de uma preocupação nacional com o mais premente, no sentido de uma iniciativa nacional, no sentido de *divertissements* nacionais e no sentido de uma praxis de palco nacional. A língua nacional é pois o idioma no qual o conjunto dos gestos criadores de mundos dos coetaneamente nascidos ganham voz pela primeira vez. Daí ser natural que a primeira preocupação de cada nação seja a vinculação dos recém-nascidos às assim chamadas línguas maternas. O parto e a desvinculação das mães que dá lugar à vinculação das crianças ao campo gravitacional da realidade nacional conduzem, pois, a uma arabização, brasilianização, britanização, japanização, russificação, sudanização, etc., dos recém-nascidos. De cada vez, as crianças tornam-se prisioneiros estatais das suas nações e comunidades linguísticas, pois são vistas, com pleno direito, como o futuro dos povos, e as línguas nacionais são as cozinhas da bruxa onde os recém-chegados ao mundo, ainda relativamente indiferentes face à linguagem, se transformarão em futuros pilares da sociedade. Visto da perspectiva linguística, o apriori do parto leva à tatuagem de cada nova vida com os padrões da língua nacional, faz do homem um toxicod dependente da sua língua materna, e foram apenas pouquíssimos, na longa história da humanidade, os que conseguiram acabar, com sucesso, a cura de desintoxicação, curando-os das drogas da língua materna patriarcal. Através da tatuagem linguística das novas gerações realiza-se o acontecimento de trasladação que fusiona os grupos etários da sociedade num contínuo histórico-nacional. Minhas Senhoras e meus Senhores, não falaria aqui alemão, perante ouvidos alemães, se este processo apto de formar mundos não estivesse também e ainda em vigor com respeito a nós. Ainda não passaram cinquenta anos, quando poderia ter acontecido, sob certas circunstâncias bem realistas, uma renaturalização geral de todos os alemães no sentido de uma nacionalização ou ocidental ou oriental, no seguimento da qual falaríamos agora não o inglês americano como língua segunda, mas o russo como língua materna. Mas, devido a certas circunstâncias, os poderes da trasladação do alemão ficavam intactos. Também não falaria assim como falo, minhas Senhoras e meus Senhores, se Heine e Goethe, Nietzsche e Brecht não tivessem publicado textos alemães, aptos de serem trasladados, que me fascinaram, e o nosso encontro presente, minhas Senhoras e meus Senhores, simplesmente não poderia ter lugar se a língua nacional alemão, apesar da maior catástrofe social ao longo da história, não tivesse preservado os seus poderes de trasladação. Sem dúvida alguma eram precisos vários acasos e entidades de auxílio, e, nestes nossos tempos, balançamos na ponta do acaso. No que diz respeito à minha pessoa, falo a partir de um canto bastante remoto deste mundo linguístico por acaso ainda trasladado. A aprendizagem do alemão que se deu na maioria dos nossos concidadãos, levou-os a regiões bastante diversas da vida linguística nacional. Neles, o apriori da trasladação surtiu o efeito de se verem obrigados a falar o alemão das questões prementes dos economicistas. Prevalece, neles, o alemão incentivador dos empresários e a sua preocupação de ocupar um lugar nacional de topo na corrida planetária da mobilização; eles falam o alemão ambicionado dos fabricantes do futuro e dos habilitandos, o alemão dos protetores da propriedade e das organizações representativas de interesses particulares, o alemão dos membros de projetos com relevância para o futuro, o alemão terapêutico e colunista dos bem-intencionados e o alemão de Bona, das almas mortas, que se preocupam com o todo da nação. A corrente de trasladação das preocupações, das misérias e dos poderes faz surgir o alemão das notícias e do *Zeitgeist*, o alemão dos comités e o dos média, da objetividade pedante e da fúria cínica. Minhas Senhoras e meus Senhores, estava, há poucos instantes, prestes a dizer proliferação em vez de trasladação, o que me teria obrigado a falar de um apriori da proliferação – daí que julguei ser melhor prescindir deste vocábulo. Teria tido, porém, a vantagem de poder lembrar o contrato sobre a não proliferação de armas nucleares, também conhecido, entre os alemães, como *non-proliferation-treatise*. Teria sido fácil passar daí à pergunta como se encara a não

proliferação de condições de vida patológicas entre os seres falantes. Precisamente porque os homens são condenados a começar a sua vida como reféns totais das condições de transladação herdadas dos tempos antecedentes, seria justo exigir dos transmissores linguísticos que considerem prosseguir uma política da não proliferação da violência linguisticamente encaminhada e da miséria que veio à palavra. Mas todas as línguas nacionais, em todos os tempos, são e têm sido idiomas nos quais a transladação da miséria e da violência é irrestrita e incontrolável – e tanto mais irrestrita quanto mais se conseguem disfarçar estes factos por meio de teorias e sistemas morais.

O que significa transladação da violência e aonde esta leva, torna-se cabalmente evidente se atentarmos no núcleo político da transladação linguística. As línguas nacionais são, no que respeita ao seu impacto real, os meios e média da guerra mundial. Ao falar línguas nacionais, traslada-se o ódio étnico, ao falar línguas maternas, combina-se o fratricídio; na órbita das religiões nacionalizadas pregava-se a guerra santa contra os que falam outros idiomas. São estes os factos que conferem os contornos às comunidades linguísticas reais que têm dominado a história até aos dias de hoje. Usando a língua nacional, gritavam-se as mais terríveis e destruidoras palavras de ordem que jamais saíram dos lábios dos seres humanos, e as comunidades comunicativas mais potentes na transladação têm sido aquelas que teceram o seu nexos linguístico sobre os cadáveres dos vencidos e as cabeças dos assimilados. Precisamente os alemães deveriam saber: falando línguas nacionais, as multidões começavam a juntar-se e formavam comunidades de pânico agressivas, aspirando, como racistas comunicacionais e zoo-linguistas, à edificação do domínio mundial da sua língua. Daí que a vinculação linguística, presente na maior parte da comunicação humana, seja condição da vinculação dos homens a um vir-ao-mundo no seio de uma comunidade linguística que prega o ódio aos que falam diferentemente. E daí que apenas o parto capaz de nos *desvincular* da comunidade linguística realmente existente nos possa habilitar a trasladar padrões de conduta menos catastróficos. Apenas sob esta condição se poderia conseguir desvincular a nacionalidade falante do seu potencial violento – mas onde acontecerá isto? Não será que os seres falantes se envolvem, sempre de novo, em comunidades de medo e ódio contra velhos e novos inimigos? A tendência para a internacionalização do espírito, característica da época contemporânea, apenas será capaz de nos desvincular da imbricação no ódio entre comunidades reais de comunicação se a internacionalização levar à internatalidade, ou seja, a um saber comum sobre o vir-ao-mundo do outro sob as suas próprias condições. Só assim poderá o multilinguismo tornar-se o meio para a desvinculação da violência nacional-linguista.

Minhas Senhoras e meus Senhores, a língua, perspetivada sob o aspeto da transladação, insere-se sem resto nos dois gestos pares anteriormente mencionados da criação de mundos. A par da preocupação com o mais premente e do alívio do presente através do adiamento de tarefas demasiado difíceis, também os gestos de transladação, que se efetuam como linguagem, pertencem aos mais fundamentais atos conservativos por meio dos quais se realizou, desde os primórdios das culturas, a construção da gruta mundial. Na transmissão das línguas aos novos falantes traslada-se sempre também o material simbólico que permite aos vindouros a entrada na gruta mundial dos seus antecessores. Da matéria das línguas nacionais – às quais pertencem tal e qual as línguas tribais e as línguas mundiais – são feitas as ideias fixas que servem como base para que os indivíduos conscientes se autoatribuam sentimentos e identidade. Das línguas maternas e das autoridades paternas constituem-se as formações coletivas da mesmidade, no seio das quais os sujeitos moram como que em casas do ópio nacionais. Seja o que for que se traslada como identidade ou positividade nacional, sempre serão positivities seladas pela força vinculadora, fixadora e identificadora da língua. Tal como os apelidos me vinculam ao sistema grutal do parentesco, também a língua nacional, o dialeto tribal, o jargão das

subculturas e as linguagens especializadas me encerram no sistema grupal, para dentro do qual eu nasci e fui educado.

Minhas Senhoras e meus Senhores, ao que parece estou a falar aqui de algo que, do ponto de vista antropológico, nem sequer pode ser pensado de outra maneira. Como e onde é que poderiam homens vir ao mundo, a não ser no interior dos grandes poemas, das grutas habitacionais simbólicas e das obras de arte do mundo dos signos, aos quais chamamos línguas? Tudo isto parece impelir-nos a passar da discussão sobre o apriori da trasladação diretamente a uma teoria positiva da tradição e transmissão linguística, como por exemplo a esboçada na obra de Hans-Georg Gadamer. De uma teoria positiva da linguagem como tradição e transmissão seguiria ainda, quer se goste quer não, uma teoria igualmente positiva da nacionalidade, com base na qual se determinaria e fixaria a fatalidade de ter nascido para dentro de um povo ou uma cultura nacional como universal antropológico. As línguas transmitidas seriam então, assim como são e estão, as condições indelévels de uma qualquer chegada ao mundo. Seriam, literal e ontologicamente, as obras de arte totais, no seio das quais se tinha de morar, como que numa habitação social que funciona simultaneamente como centro prisional nacional. Ora, esse é o lado negro da palavra literatura mundial. Roland Barthes parece ter experienciado algo semelhante quando denunciou, num impulso de indignação, a língua como fascista – justamente ele que escreveu a mais bela prosa ensaística da sua geração. Seria o poder do apriori da trasladação algo como uma plastificação de todos nós na comunidade linguística realmente existente, tal como se plastifica o bilhete de identidade, do que falei no início do ciclo destas conferências, para evitar falsificações. As nossas línguas maternas seriam então – e falo aqui literalmente e sem recurso a metáforas – grandes poemas que somos forçados a recitar dia após dia, artefactos globais suscetíveis de inesgotáveis interpretações, mas, mesmo assim, estaríamos condenados a viver nesta obra de arte total, ao mesmo tempo como guardas prisionais e como reclusos. Enquanto falante de uma língua materna, cada homem é condenado a um folclore totalitário.

Minhas Senhoras e meus Senhores, não subsistem dúvidas substanciais de que a realidade histórica, quotidiana e política das línguas corresponde, em larga medida, àquilo que aqui foi dito sobre o vir-ao-mundo no seio das línguas nacionais. Mesmo assim, tocámos apenas numa das duas metades da essência do fenómeno. Para caracterizar a outra metade, deter-me-ei pelo que se segue na última das funções a serem discutidas na nossa poética mundial – o apriori da absolvição ou da promessa.

Para dar início a esta discussão, retomarei a pergunta que eu próprio, indiretamente, me colocou a mim. Minhas Senhoras e meus Senhores, o mundo como poesia e promessa, vocês decerto se lembram, pareceu ganhar contornos excessivamente positivos, de modo que tivemos de nos autoquestionar: meu amigo, de que lado é que estás quanto à positividade? A resposta, agora, é evidente: não sou eu que estou num lado quanto à positividade, é a positividade que, desde a minha nascença, está num lado, e está no lado junto de mim. Ainda que sonhe por vezes, com Cioran, com um universo no qual nada se ainda dignou a existir, é certo que não posso evitar acordar deste sonho. A virtualidade imaculada do pairar no não realizado já se perdeu, o acontecimento do mundo já se deu, e, saindo do fundo infundado, a positividade que sempre se situava no ainda-não deu-se ao capricho de me dar o sinal de arranque. Avanço com ela como um pequeno seixo nas costas de um glaciar. Aliás, creio que o jovem Heidegger, quando se lhe revelou o conceito de facticidade, tenha conhecido este sentimento-seixo, esta evidência permeada pela angústia mundial de ser uma pedra empurrada para a frente, partindo do ventre do tempo e avançando impercetível mas também imperiosamente, movido pelo glaciar História. Daí: “Dá-se o mundificar”. A mera facticidade do ser-aí faz com que cada vida se encontre sustentada por toda essa cadeia dos poderes de trasladação, sendo ao mesmo tempo encerrada na positividade das tradições e proliferações. Somente quando esta imagem padrão do “no mundo” nos penetrar inteiramente, poder-se-á

colocar seriamente a pergunta o que é a crítica e o que faz com que o espírito da negatividade comece a soprar.

Os outros caminhos para chegar a uma tal chamada consciência crítica são já todos positivos. Quem anda por estes caminhos pensa, regra geral, que a crítica é algo como um canivete que se deve levar sempre consigo, ou como um cão de guarda que ladra quando alguém se aproxima demasiado do meu terreno ou ameaça a minha dignidade. Todas estas críticas já são conhecidas e inteiradas, fazem parte da habilidade do empreendedor moderno. São imprescindíveis tal como truques para fugir aos impostos, autoestima e sintaxe, e acompanham-nos criticamente ao longo do ano. No entanto, se falo aqui da crítica e se apelo ao espírito da negatividade, pretendo fazer algo diferente, pois penso no outro lado do positivo, naquilo que não é vinculado aos poderes de transladação. Mas onde poderemos descobrir esse não-positivo, uma vez que estamos, de todos os lados, cercados pelas condições positivas da existência? Por toda a parte se erguem as palavras, encurralando-nos com significados fixados e levantando as esquinas para não deixar fugir ninguém do ringue. Não somos, no fundo, prisioneiros de guerra da facticidade, tanto da facticidade material como da espiritual? Presos preventivos contra os quais é instruído um processo final sem fim, devido à sua existência? Não fomos recentemente informados que teremos que aguentar, por um período ilimitado, em campos de desconcentração pós-modernos, condenados ao divertimento? Onde se pode encontrar, sob estas condições, a alternativa – ou pelo menos o rasto da alternativa que levaria para o exterior?

Minhas Senhoras e meus Senhores, o rasto para o exterior perpassa a própria língua. Ao falarmos tal como ocorre, entra em jogo, nesse mesmo instante, uma nova condição indelével para a nossa criação de mundos. A esta condição chamei o apriori da promessa, ou apriori da absolvição. Com este apriori alcançamos a meta do nosso feito de sete dias poetológico, ou seja, chegamos às respirações do instante presente. Ora, a essência da língua, minhas Senhoras e meus Senhores, não se reduz à transladação de vinculações nacionais e de preceitos que fazem o mundo. À língua que articula as aclamações entre os recém-chegados ao mundo também pertence a respiração da absolvição. Esta respiração desvincula-nos da nacionalidade natural e liberta-nos da vinculação à violência adquirida. Desperta a recordação dos primeiros instantes do nosso estar-no-mundo, quando a experiência do ar livre antecederá qualquer contacto físico exterior com o elemento maternal. A respiração como instância primordial da natalidade transcende, desde logo, a natureza por meio da natureza. Muito antes de nos ocorrer a linguagem já se nos abriu o mundo respiratório – tomado este, muito lamentavelmente, pelos psicanalíticos ainda hoje como reino da oralidade. Quem, no entanto, aprende falar poeticamente, é equipado, desde logo, com a respiração livre quando entra na língua e nos seus discursos históricos da transladação de poderes e forças violentas. O apriori da absolvição consiste daí naquele modo de dizer a verdade que é, desde sempre, estreitamente relacionado com o direito ao ar livre e à vastidão. A língua que nos espalha a mensagem do direito à respiração forma uma corrente forte de promessa que parece abranger milénios, ligando, frequentes vezes subterraneamente, as mais antigas experiências de liberdade dos quais temos testemunhos, com as mais recentes ânsias de liberdade. Enquanto cada transladação positiva na língua vai estreitando cada vez mais o cerco mundial, ocorre ao mesmo tempo, devido à função da promessa, um movimento oposto. Neste movimento, o incrível e o paradoxo tornam-se realidade: uma tradição do intransmissível que promete a liberdade da respiração. É através destas promessas que se espalha a mensagem das absolvições, sem as quais ficaríamos presos no cerco dos factos. Se é verdade que a linguagem, em geral, deve ser transmitida, e isto significa, também positivamente, também em e através de línguas nacionais, também ao trasladar os poderes de asfixia da história passada, então acontece isto porque, até agora, só nos foi possível espalhar a mensagem da promessa, capaz de nos desvincular dos poderes da história positiva, ao recorrermos a estas línguas positivas. Sócrates falava grego para absolver

os gregos da abafada vinculação à greicidade, e ao falar grego encontrava o caminho para a ignorância que transcende os poderes vinculados à língua. Absteve-se da escrita, porque as promessas que tinha que dar precisavam da transmissão oral e da sua presença em pessoa no ato da transmissão. A sua negatividade, desmentida por Platão, não quis deixar nenhuma tese fixa na intocabilidade, e a sua dialética tinha suficiente agudeza para desencadear uma desconstrução desarmante de uma qualquer posição firme. Não era nada daquilo que Platão lhe quis imputar: um parteiro teimoso das ideias exclusivamente verdadeiras, e se de todo tivermos uma hipótese de distinguir o Sócrates como pessoa histórica e real das projeções históricas de Platão (que venerava o seu mestre, literalmente, até à morte, para ter toda a liberdade para o seu próprio jogo de mestre), teremos então de entender o seu ensinamento como tentativa ao mesmo tempo generosa e vã de pôr a descoberto a promessa natalícia da vida. A utopia maiêutica ainda espera, desde então, por uma formulação sóbria. Se encontrássemos um nome para aquela promessa supremamente culta de liberdade e desvinculação, então seria o silêncio respirador do feto, um silêncio cuja atenção é capaz de despositivizar, desbrutalizar e desarmar o mundo. Ainda que o impulso socrático tenha aparecido em língua grega, é certo que a referência ao modo de ser da ignorância trazia à luz algo que era mais-do-que-o-grego. E era deste mais-do-que-o-grego que podia irradiar o convite à desvinculação do poder nacional. Diógenes de Sínope, que herdou uma das duas partes do impulso socrático, procurou refúgio num cosmopolitismo pantomímico para continuar o ofício maiêutico do seu mestre; é neste caminho que se tornou o primeiro dissidente plebeu. Platão, por sua vez, procurou captar a outra metade da verdade socrática, e deu o passo para a doutrina dos universais, que teve implicações pesadas. Ao salientar a realidade das ideias e dos ideais, fundou um cosmopolitismo lógico, alicerçado na intenção de desvincular o pensamento para que se torne apto para a intuição do universal, à custa da positividade obscura que se agarra ao imediato e mais próximo.

Nestas duas estratégias de parto conservou-se, até aos dias de hoje, um vestígio do espírito da utopia europeia, apesar da guerra mundial instigada pela Europa e de todas as bestialidades especificamente europeias. Algo do melhor que este património da Europa antiga tinha por oferecer está ainda presente quando Jürgen Habermas, ainda hoje, defende o universalismo do diálogo racional, mas também se estava a presenciar a política clássica europeia de verdade quando o já falecido palhaço francês Coluche se candidatou ao cargo de Presidente da República Francesa, completamente nu, salvo umas plumas tricolores de avestruz espetadas no rabo. Todavia, é verdade que estas duas práticas imprescindíveis de parto já estão envoltas numa aura de melancolia, pois é evidente que os mecanismos de trasladação positiva dos poderes têm uma vantagem sobre tais promessas de parto que parece ser irreversível. A situação não é muito diferente se passarmos para as promessas religiosas da nossa tradição. É sabido que não se pode entender o nosso mundo moderno se não se tiver em consideração o influxo de motivos utópicos persas e judaicos no espaço europeu. Ora, se designamos muito justamente o tempo presente como tempo de declínio das utopias, podemos ilustrar algumas razões para este declínio pelas atuais tragédias iranianas e israelitas – a Pérsia, terra mãe do dualismo e decisionismo, passou a parodiar a sua utopia da decisão a favor da luz que outrora fizera história, ao cair na armadilha da paranoia. Ainda a Pérsia islâmica atual promete a luz, mas acabou por mandar os seus jovens a uma morte absurda nas trevas da frente ocidental. O país que exportou uma metafísica da luz de um alcance histórico-mundial até para a Europa do Iluminismo dá, hoje em dia, um dos mais influentes contributos para o declínio da utopia. Quanto ao estado atual da utopia judaica, julgo não ser preciso alongar-me nas palavras. Basta ver as imagens dos soldados israelitas fortemente armados a patrulharem, em 1988, na festa da Páscoa em Jerusalém e em todo o território da tal chamada Terra Santa. Recorde-se que a promessa messiânica era a da futuridade absoluta do parto, tendo a evocação desta promessa o fim de incitar um estar preparado cada vez mais atual. Bastavam uma ou

duas gerações para o realismo nacional-israelita ter aprendido que os mecanismos da vinculação à língua e à terra funcionam como coerção à trasladação do poder e da violência. Destarte, o convite à desvinculação do violento-em-presença de si mesmo, por meio da abertura ao futuro, sofreu na sua própria terra um desmentido terrível. O deus do parto prometedora, falando do interior da sarça ardente, retransformou-se num Baal territorial que emite passaportes e recruta corpos de exército.

Aparentemente há uma ligação intrínseca entre a atual extinção das utopias e as metamorfoses das promessas outrora passionalmente irrealistas. Ao que tudo indica, a *catena aurea* está prestes a partir, i.e., aquela cadeia que transmitiu nas falas, ao longo de milénios, o saber libertador, apesar de todas as adversidades vindas dos poderes da vinculação nacional. A atual esclerização do espírito crítico parece testemunhar esta quebra. Todavia, minhas Senhoras e meus Senhores, estou convicto de que se trate aqui apenas de uma aparência enganosa. Ainda que esta se nos imponha com alguma teimosia, não é capaz de nos persuadir a prescindir das promessas. O que se deve entender, agora, é algo diferente: o espírito da absolvição jamais se deixou institucionalizar sem que ficasse ele mesmo corrompido. O que se passa nos tempos atuais da recessão das utopias é nada mais do que a consequência direta e inevitável das tentativas da positividade das linguagens de parto ao modo de metalínguas nacionais. Que uma tal solução é condenada ao fracasso nunca é demais salientar. A tradição das absolvições prometedoras possui, em si mesma, a estrutura paradoxal de uma transmissão do positivamente não transmissível. Enquanto as tradições positivas acabam por prender as gerações com cadeias férreas, mantendo a história das proliferações das violações invisíveis em funcionamento, a *catena aurea* como cadeia haurida com elos abertos forma uma tradição negativa, um vínculo da desvinculação, uma cadeia que liberta da cadeia. Quem se insere nesta cadeia, não o pode fazer literalmente. Se o fizesse, se se quisesse associar à sua tradição, não seria um desvinculado. Ao invés, se é realmente um desvinculado no espírito dessa cadeia, então não pode manter os laços com ela. A verdade transmissível da cadeia reside na circunstância paradoxal de que ela não vinculou os seus seguidores. A cadeia da promessa é transmitida na trasladação da não-vinculação – e o seu teste crucial de resistência acontece no momento quando esta se vê obrigada a querer a não-trasladação de não-tradições vinculativas. Porquanto se mantiver cadeia, dever-se-á libertar também da cadeia dourada do mundo como absolvição. Está aí a razão para que os discursos mais belos devem passar pelo purgatório do cinismo extremo: aquilo que podemos prometer aprendemos apenas na escola do desespero.

A atual falência das utopias deve ser comentada também à luz destas circunstâncias. As utopias positivas desmentiram-se a si mesmas e mostraram os seus avessos fatais. Quando Nietzsche, aluno de excelência em Schulpforta, atacava Sócrates, já tinha noção das consequências do socratismo positivado. Não há dúvida que Sócrates nos legou o problema de como ser possível a ignorância consciente sem cair na arrogância moral, ou seja a *paideia* sem terror escolar humanístico. Platão, por seu lado, legou aos académicos de todos os tempos a pergunta de como ser possível o idealismo sem cair no devaneio, e o universalismo sem volúpias totalitárias. Aos legados macabros de Diógenes de Sínope pertence, como se observou corretamente, a pergunta de como se poder viver o cinismo sem degradação social – não é por acaso que o termo moderno cinismo representa a piada que se deve à desinibição. E com Gautama Buddha, o grande parteiro libertador das almas, prende-se o problema de como levar uma vida meditativa sem cair na depressão evasiva ou nas evaporações suicidas. E quanto às doutrinas de libertação do monoteísmo e da metafísica da luz, é certo que espalharam uma sombra paranoica sobre a terra que hoje é mais tenebrosa do que nunca. Mesmo a promessa marxista de nos extrair, por cesariana revolucionária, do ventre da pré-história, propiciou a mais terrível trasladação de violência. E quando Adolf Hitler, líder da seita de todos os alemães, quis desvincular todos os mortos da Primeira Guerra Mundial e todos os vivos da crise de 1918 a 1933, resgatando-os para o seu *Reich* milenário

hiperpositivo, então desencadeou acontecimentos feitos daquela matéria da qual são feitos os pesadelos perinatais. Seja onde for, na Alemanha de 1933, na Pérsia de 1988, na Rússia Gulag ou na Cidade de Deus de Genebra: é a positividade das promessas e a nacionalização dos universais o que faz com que os poderes de trasladação sempre triunfarão, em última instância, sobre o espírito das absolvições. É precisamente este o princípio das nações mágicas, fenómeno descoberto e denominado por Oswald Spengler – e que também poderiam ser designados de nações batizadas ou nações religiosas.

Em suma, da apreensão positiva e do desejo de possuir as linguagens de libertação não sujeitas à posse alguma adveio, em todas as culturas desenvolvidas, um excesso de calamidade. Bem poderia ser que se criou mais sofrimento no mundo ao ater-se às ideias positivas de redenção e às promessas de libertação do que o que existia antes do surgimento dessas ideias. Daí que o profundo anti-utopismo das gerações atuais seja sinal de uma inteligência de cariz histórico. É com boas razões que se está farto das doutrinas dos edificadores clericais. Certas formas de enganos de libertação já não atraem as massas – a não ser à base de nascer-para-dentro, um meio que serviu tanto às Igrejas cristãs como às nações religiosas como base de recrutamento ‘compulsivo’. Mas justamente a ideologia eclesial, que solicita de nós o internamento nas instituições fechadas de parto, tornou-se insuportável para seres com inteligência mais desenvolvida – daí que se deva dizer agora que os testamentos de utopia de outrora se rasgaram e queimaram. Se ainda se possa falar hoje de uma trasladação da promessa mundial, não é porque houvesse uma cadeia de mestres e apóstolos que sustentariam esta trasladação. Quem promete agora, promete sozinho. Quem almeja renovar uma promessa mundial, hoje, no declínio da era das utopias que fizeram história, terá que orientar-se, como um recém-nascido, no sem-fundo. Ao trespassar as línguas mundiais positivas, há que redescobrir o respirar que pertence, muito antes da nacionalidade, à nossa natalidade.

Minhas Senhoras e meus Senhores, este respirar é o meio elementar da literatura e da poesia. Não há nenhum texto marcante da tradição que não fosse texto de respirar, escrita de respirar. Os versos são as respirações dos escritores, as estrofes as fases de inalação e exalação dos poetas. O fôlego da escrita é para a gente da indústria literária o seu derradeiro critério utópico. Depende do seu haurir, ou da sua falta, se os nossos textos levam para o espaço aberto, ou se se transformam em papel de parede, usado pelos não libertos para ornamentar as suas grutas. O respirar dá-nos uma promessa, referente à qual não precisamos de temer que será quebrada por um cumprimento falso. A promessa do respirar não enfrenta o destino das profecias positivadas, petrificadas em mentiras de libertação. Por muito extenso que fosse o instante em que conseguimos sustentar a respiração, não demorará muito que expiramos aquilo que acabámos por inspirar. É assim que o espírito livre deveria perpassar todos os sistemas positivos com a sua respiração. Onde nada limita a respiração, nasce uma frivolidade típica. A respiração livre assume, ao inspirar, certas posições, que voltará a ceder na expiração. Daí que a literatura de respiração seja não apenas inspirada, mas sempre também uma literatura da expiração, uma poesia capaz de despedida. Também as maldições podem ser literatura mundial, e as abdições promessas mundiais. O expirar devolve tudo que tomou como seu num instante anterior. Daí que o mundo como promessa não precise da solidificação artificial, nem do asseguramento forçoso, visto que a respiração prometedora não prende aquilo que promete, e não promete mais do que é capaz de assegurar. Uma literatura capaz de respirar é animada por uma despreocupação imemorial. Terá sido Heinrich Heine que disse o mais acertado sobre a exuberância dos poetas. Ele sabia que as promessas do poeta são válidas apenas como testemunhos da utopia da ligeireza. Apenas num aspeto não tinha razão – que os seus suspiros se tornariam em cantigas de rouxinol. Onde poetas respiraram, nascem espaços de respiração para os povos, e graças às traduções também para outros povos além do próprio. No respirar como aurora da esperança, que é tudo menos que um princípio, é renovada a promessa mundial, de forma simultaneamente discreta e sensível.

Se um escritor tivesse que dizer quais os pensamentos que lhe provocam o maior espanto, apenas poderia responder, parafraseando Kant: o céu estrelado acima de mim, e a ligeireza de prometer-nos um mundo, dentro de mim.

Minhas Senhoras e meus Senhores, poemas e outros ditos sem coerção são como que dirigíveis de respiração, enviados e expostos ao aberto. Daí que palavras livres sejam mais importantes que palavras grandes. Por vezes, porém, as livres também são grandes. Um poema de Paul Celan fala do surgimento da palavra incondicionalmente própria:

CAUTERIZADO pelo
vento em raios da tua linguagem
o falatório multicolor do in-
teirado – centi-
língua o poema
do Meu, o conjunto dos nada.

Des-
revolto,
livre
o caminho pela neve
antropomórfica,
neve penitente, às
hospitaleiras
salas e mesas glaciais.

Fundo
na fenda dos tempos,
junto
ao gelo em favos,
aguarda, hausto-cristal,
o teu irrefutável
testemunho.²

² Tradução adaptada e parcialmente alterada, em <https://escamandro.wordpress.com/2012/04/20/paul-celan-20-de-abril>, acedido em Novembro 19, 2015.